Acesse: https://t.me/Novojornal

Palmeira: a árvore que virou localidade

A palmeira centenária

Monumento onde estava a famosa palmeira

Uma terra feita de olaria

LUCAS MUAGA

UMA árvore centenária, que ninguém sabe ao certo quantos anos viveu, teceu eternizada na história, por ofuscar o nome da localidade de Mwamatibyana, popularmente conhecida por Palmeira, no posto administrativo 3 de Fevereiro, distrito da Manhiça, província de Maputo.

Muitas pessoas tratam o lugar por Palmeiras, no plural, por desconhecer a narrativa por detrás do nome sobre o qual restam poucos vestígios históricos, pois muitos que por ali passam dificilmente perceberem que estão num lugar importante para compreender o passado da Manhiça e do país.

O que justifica este introito é o facto de a árvore em causa ter também ficado para a história. A julgar pela idade, pode se dizer que ela se rendeu à velhice e já não conseguia suportar os ventos fortes do lugar onde foi plantada, que normalmente se fazem sentir com certa intensidade, afinal trata-se de uma zona alta e aberta para o vale do Incomáti. A palmeira estava implantada na berma da Estrada Nacional Número Um, próximo a um famoso mercado informal de produtos de artesanato, com destaque para objectos de olaria, um dos maiores símbolos da região, e a fábrica de processamento de arroz Inácio de Sousa, liderada pelo filho do seu falecido patrono, Luís de Sousa.

A palmeira está do lado esquerdo para quem escala o Norte do país, direita para os que têm na cidade de Maputo o seu destino, e a 100 quilómetros a norte da capital do país.

A localização e altura da árvore que deu nome à localidade permitia a sua fácil visualização a grande distância, principalmente para quem vinha do Norte do país, por causa do ângulo de visão mais aberto da paisagem, contrariamente ao que acontece quando se deixa a província.

Embora sejam poucos os vestígios sobre a existência da mítica árvore, os que se podem achar, conforme constatou o "Notícias", numa visita recente à localidade, por si só servem para atiçar a curiosidade dos mais atentos.

Ali onde estava a palmeira centenária há um pequeno monumento à meia lua, quase em estado de abandono, a julgar pelo seu estado praticamente degradado e pelo capim que cresce no seu interior e ao seu redor, ao ponto de quase tapá-lo, escapando desse modo à vista de muitos.

No interior desta "pequena praça" uma também pequena placa resiste à variação da temperatura, negando-se a ficar para a história que agora ela mesma ajuda a narrar. Quem por ali passa através dela pode perceber que não está num lugar qualquer, mas num ponto que serviu de orientação para muitos que viajam a pé, de carro, até mesmo de avião.

Há nela uma indicação de ter sido uma das principais referências geodésicas do geógrafo, cartógrafo, navegador e historiador português Gago Coutinho (1906 -1908).

Gago Coutinho era oficial da Marinha Portuguesa e junto com o aviador Sacadura Cabral tornou-se pioneiro da aviação, ao efectuar a primeira travessia aérea do Atlântico Sul, no hidroavião Lusitânia, em 1922.

A placa que se encontra no "esquecido" monumento testemunha o que quase todos dizem na hora de contar a história da localidade, que este terá sido um ponto de orientação no árduo reconhecimento da triangulação geodésica concebida e executada pelo navegador Gago Coutinho.

Neste sentido, tanto a placa quanto o monumento merecem ser conservados, devido à história que carregam e que não deverá desaparecer com a morte das pessoas que contam esta narrativa. Nela está escrito "Homenagem prestada no 1º Centenário do Aeróg(a)fo". É datada de 17 de Fevereiro de 1969.

Segundo Luís de Sousa, da também histórica empresa Inácio de Sousa, a placa foi colocada pelas autoridades coloniais portuguesas, lideradas por Baltazar Rebelo de Sousa (1921- 2002), pai do actual estadista português Marcelo Rebelo de Sousa, que na altura era governador geral da província ultramarina de Moçambique.

"Foi o governo que ali a colocou", explicou.

Referiu que, para além do antigo governador-geral, o lugar fora escalado, muitos anos antes, por figuras importantes da história de Moçambique, das quais o guerreiro Ngungunhane (1850-1906), último rei do Império de Gaza (1824 -1895).

Se tiveres uma doença crónica como HIV, Hipertensão ou Diabetes, continua a ir às consultas e tomar a medicação de forma regular

Os três nomes da localidade!

Tijolos fabricados na Palmeira

A LOCALIDADE pelas razões acima descritas, popularmente conhecida como Palmeira, entretanto é formalmente tratada por Mwamatibyana. É a sede do posto administrativo 3 de Fevereiro, que faz uma referência à data da morte do fundador da Frente de Libertação de Moçambique, Eduardo Mondlane.

Mwamatibyana é composto por 14 bairros e 24.615 habitantes, segundo os dados do recenseamento geral da população de 2017.

Ainda que num fórum, digo se, informal, se chame Palmeira, segundo o chefe da localidade, Paulo Mandlate, o sítio foi baptizado de Mwamatibyana a partir de 1982, quando esta área tornou-se uma aldeia comunal.

Mandlate diz que antes de ser conhecida como Palmeira a localidade era tratada por Dloti, em referência a um régulo famoso da zona cujo "reinado" remonta aos anos que antecederam a independência.

"Dloti é alguém que fez algum trabalho aqui como régulo, no tempo colonial, e atribuiu-se o seu nome ao lugar", comentou.

Assim, pode afirmar-se que é esta uma zona de três nomes, apesar de Dloti ser uma nomenclatura que a ela apenas se recorra na hora de contar as narrativas que marcaram o local.

Uma terra de oleiros!

Fábrica de descasque de arroz Inácio de Sousa

A IMPORTÂNCIA económica da Palmeira deriva de uma fábrica de descasque e processamento do arroz produzido no regadio do Chókwè, no vale do Limpopo, construída no início da década de 1940 por Inácio de Sousa, que é deu o seu próprio nome.

Entretanto, Palmeira é, segundo Paulo Mandlate, essencialmente terra da olaria, uma actividade abraçada por muitos jovens para responder à problemática do desemprego. Esta dificuldade tornou possível a criação de uma identidade única da zona. "Cada um viu que vale a pena criar o seu próprio emprego", afirmou.

Uma passeata por esta zona permite perceber que o mesmo material usado para dar corpo a produtos de artesanato é usado para o fabrico de tijolos que, por sua vez, dão lugar à construção de casas. "A matéria prima é encontrada na zona baixa, onde há argila e fornos", explicou.

Outra palmeira simbólica será plantada!

NA conversa que manteve com o "Notícias", Luís de Sousa revelou que devido à história que a perecida palmeira carrega, ao ponto dela ter baptizado a localidade de Mwamatibyana, há planos de se plantar no mesmo local uma nova palmeira.

É certo que a árvore que sustenta este texto ficou para a história, a que deverá seguir futuramente será simbólica e servirá para preservar as narrativas que não devem morrer com os mais velhos.

Ademais, não é o primeiro que assim manifesta este desejo.

ATELIER DE LETRAS

"A Extinção da Cinza" ou como não domesticar a poesia

RICARDO PEDROSA ALVES*

LIVROS como "A Extinção da Cinza" ajudam na recordação de uma exigência que nunca deveria ser negligenciada: cabe à crítica uma leitura que se recuse à domesticação da poesia. Para que pudessem articular-se em analogia aos poemas, os mapeamentos regulares de qualquer epistemologia precisariam ser inventados pela natureza oracular dos textos de Lino Mukuriuza.

Meu porfácio, assim, busca meio para não se assemelhar à pacificação judicativa normativa. Importa me evitar perspectivas que anulem a operação poética de extinção (fim) das cinzas (fim). A grandiosa e séria operação de fim do fim. O poeta não duvida das possibilidades de sentidos minerais, opacos ou fosforescentes. Lamenta, afirma e aponta, mas não duvida nunca, sequer questiona. Estamos no plano da linguagem não parafraseável. Aquilo que talvez melhor defina a poéticas o não parafraseável. Sim, aqui o mimético jaz estilhaçado.

Podemos partir de uma duplicidade fundadora da poesia moçambicana, sugerida por muitos dos seus intérpretes: uma vertente intimista, outra vertente social. Tenderíamos, em tal domesticação catalogadora, a situar os poemas de "A Extinção da Cinza" naquela corrente dos afetos íntimos. Lino Mukuriuza, porém, nos ajuda a desfazer aquelas caixinhas acadêmicas de enquadrar poesia. Há, no andamento de fundo dos poemas, a "cidade do corpo", um corpo atravessado por seu tempo, sua fuligem de esquecimento e memória. Os precedimentos dispersivos dos sentidos comoem a mera perspectiva da interiorização, que exigiria ao menos alguma identidade nomeável.

A poética, abstrata e de conjugação em variados arranjos de elementos simbólicos por inespecificidade, invalida pretensões à verdade. Corpo, pássaro, sombra, dor, cinza, lágrima, entre outros, são substantivos destituídos de especificidade semântica pelo arranjo sintático, o que evita o mais óbvio: o aprisionamento identitário, o que não implica em ausência de voz enunciadora. De outro lado, há um tom orientador, autognose e cosmovisão, enredado no luto. Por exemplo, no título da segunda parte: "O luto na extinção da sombra". Sombra é um outro que é um mesmo. Prantear-se o fim do fim no título do livro e o fim do outro que é um mesmo na segunda seção de poemas. Como se percebe, a operação é a da negatividade, validando mesmo a indecidibilidade, como em "o labirinto ou abismo é o húmus na labareda". Cabe a quem lê aceitar verdades tão longínquas do rés do chão.

O tom de exéquia, ele sim, é social e histórico ("é uma época amarga"), o que se evidencia melhor na terceira seção, "Silêncio em estado líquido". Há ali uma saída para a luz, em textos mais alongados que, justamente por negarem as contrições de ritmo, detalham melhor a operação técnica de montagem dos poemas. A parataxe, justaposição de peças (vocábulos, versos) alheia à coordenação de conjunto, deixa ratida a poética "construída", paradoxo em poeta tão inspirado. O visionarismo, como mostraram Arthur Rimbaud ou Néstor Perlongher, não implica necessariamente em poesia de confissão. E o caso de Lino Mukuriuza. A operação é de descentramento, com o poeta "sendo falado" pela linguagem, em vez de se posicionar de fora dela. Há évaves, mas o da textura poética sinestésica: "cores da água no rosto".

Ler A extinção da cinza, como estamos argumentando, passa por uma abertura ao indiciável do desregramento dos sentidos. O indiciável é a ronda da sombra, do luto, da cinza, da morte. Não há propriamente redenção, exceto pelos vislumbres de memória: "cresci ouvindo o grito dos vagões para além das buzinadelas no Chiadu". Mukuriuza, como acima propusemos, deixa no chão a pretensão segmentadora da poesia moçambicana entre intimista ou social. A liberdade, motor de sua operação de montagem, recebe no livro o devido respeito, daí também certo tom hierático. Evidencia-se a construção e inutilira-se a imitação nas derivas e sobreposições. É assim muito nítida no livro a existência de outra lucidez, a que arranja por constelação o caos, a que agencia fragmentos sempre vibrateis, mesmo se o tom é fúnebre e na paleta predomine o gris.

*Poeta brasileiro, pós-doutorado em Letras, professor universitário e pesquisador de literaturas africanas de língua portuguesa